

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

ENTRE CONTINGÊNCIAS E COMPULSÕES: REPETIÇÃO COMPORTAMENTAL E REPETIÇÃO PSÍQUICA EM DIÁLOGO ENTRE ABA E PSICANÁLISE

DOI: 10.5281/zenodo.21252465

Floyd Siqueira Campos

Pós-graduada em Psicologia Hospitalar e da Saúde
Especialização em Psicologia Clínica e Docência do Ensino Superior

E-mail: floydsiqueira@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0394037703573896>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6996-0788>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o fenômeno da repetição do comportamento humano a partir do diálogo teórico entre a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e a Psicanálise. Trata-se de um estudo teórico, de natureza qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica e análise conceitual de produções científicas relevantes para o tema. A partir da perspectiva da ABA, a repetição comportamental é compreendida como resultado das contingências de reforçamento e da história de aprendizagem, sendo mantida por processos de seleção por consequências. Já na Psicanálise, a repetição é abordada por meio do conceito de compulsão à repetição, relacionada ao inconsciente, ao retorno do recaiado e à dinâmica pulsional, indicando a insistência de conteúdos psíquicos não elaborados. A análise evidenciou que, embora partam de pressupostos epistemológicos distintos, ambas as abordagens oferecem contribuições relevantes para a compreensão da repetição, permitindo sua leitura em diferentes níveis de análise. Conclui-se que o diálogo entre essas perspectivas amplia a compreensão do fenômeno, possibilitando uma abordagem mais complexa e sensível na clínica psicológica, ao considerar tanto a função do comportamento quanto seu sentido na economia psíquica do sujeito.

Palavras chave: Análise do Comportamento Aplicada; Repetição comportamental; Compulsão à repetição; Psicanálise; Comportamento humano

Introdução

O fenômeno da repetição ocupa lugar central na compreensão do comportamento humano e se apresenta como um desafio recorrente na prática clínica em Psicologia. Seja na forma de padrões comportamentais que se mantêm ao longo do tempo, seja na insistência psíquica em reviver experiências dolorosas, a repetição revela tanto a força das contingências ambientais quanto a complexidade dos processos psíquicos que organizam a vida subjetiva. Comportamentos que retornam de maneira persistente, mesmo quando produzem sofrimento ou prejuízo ao indivíduo, suscitam questionamentos importantes sobre os mecanismos que sustentam sua permanência. Nesse sentido, compreender a lógica desses padrões repetitivos torna-se fundamental. Trata-se, sobretudo, de analisar como determinados comportamentos e sintomas se mantêm ao longo do tempo, bem como de orientar intervenções clínicas mais consistentes e eficazes.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Na perspectiva da Análise do Comportamento Aplicada, desenvolvida por B. F. Skinner, a repetição comportamental é compreendida a partir das contingências de reforçamento e da história de aprendizagem do indivíduo. Segundo essa abordagem, comportamentos que produzem consequências reforçadoras tendem a aumentar sua probabilidade de ocorrência e, conseqüentemente, a se manter ao longo do tempo. A noção de seleção por consequências, central na teoria skinneriana, permite compreender como padrões comportamentais são gradualmente fortalecidos por meio da interação contínua entre organismo e ambiente. Assim, a repetição não é interpretada como um fenômeno interno ou intencional, mas como resultado de processos históricos de aprendizagem que tornam determinados comportamentos mais prováveis diante de certas condições ambientais. Nesse contexto, a análise funcional constitui uma ferramenta fundamental para identificar as contingências responsáveis pela manutenção desses padrões e orientar estratégias de intervenção que possibilitem sua modificação.

Por outro lado, na tradição psicanalítica inaugurada por Sigmund Freud, a repetição é compreendida a partir do conceito de compulsão à repetição, apresentado especialmente na obra *Além do Princípio do Prazer*. Para Freud, esse fenômeno revela uma dinâmica psíquica que não pode ser explicada apenas pela busca de prazer ou pela evitação do desprazer. O autor observa que o sujeito frequentemente se vê levado a reviver experiências dolorosas ou a reproduzir padrões relacionais que parecem contrariar seus próprios interesses conscientes. Nesse sentido, a repetição aparece como manifestação do inconsciente e como expressão do retorno do recalado, indicando que determinados conteúdos psíquicos não elaborados tendem a reaparecer sob diferentes formas na vida do sujeito. A compulsão à repetição, portanto, evidencia uma lógica pulsional que ultrapassa o princípio do prazer e aponta para a insistência de certos conflitos psíquicos que buscam simbolização e elaboração.

A relevância clínica desse fenômeno torna-se ainda mais evidente quando se considera que tanto a Análise do Comportamento Aplicada quanto a Psicanálise oferecem instrumentos teóricos e metodológicos para compreender e intervir sobre padrões repetitivos que impactam o funcionamento psicológico e a qualidade das relações do indivíduo. Enquanto a ABA enfatiza a identificação das contingências ambientais e a modificação das condições que mantêm comportamentos disfuncionais, a Psicanálise busca compreender o sentido subjetivo da repetição, interpretando-a como manifestação de conflitos inconscientes e como tentativa de

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

elaboração psíquica. Embora partam de pressupostos epistemológicos distintos e, em certa medida, inconciliáveis em seus fundamentos, ambas as abordagens contribuem para ampliar a compreensão dos processos que sustentam a recorrência comportamental e oferecem caminhos possíveis para a intervenção clínica.

Ainda que ambas as perspectivas ofereçam explicações consistentes para a repetição, suas bases epistemológicas distintas levantam questionamentos sobre até que ponto tais fenômenos podem ser considerados equivalentes ou se apontam para níveis distintos de análise do comportamento humano. Essa tensão teórica não se apresenta como um obstáculo ao diálogo, mas como um elemento fundamental para aprofundar a compreensão do fenômeno, exigindo uma análise que considere tanto suas convergências quanto seus limites.

Diante desse cenário, torna-se relevante promover um diálogo teórico entre essas duas tradições da Psicologia, explorando como diferentes perspectivas podem contribuir para a compreensão de um mesmo fenômeno. A proposta deste estudo não consiste em reduzir uma abordagem à outra, mas em examinar possíveis aproximações, tensões e complementaridades que possam enriquecer a análise da repetição no campo da Psicologia.

Nesse contexto, a investigação orienta-se pela seguinte questão de pesquisa: como o fenômeno da repetição do comportamento humano pode ser compreendido a partir do diálogo entre a noção de contingências de reforçamento da Análise do Comportamento Aplicada e o conceito psicanalítico de compulsão à repetição? A partir dessa questão, o presente estudo tem como objetivo geral analisar o fenômeno da repetição do comportamento humano por meio do diálogo teórico entre essas duas perspectivas, considerando as contribuições das contingências de reforçamento e da compulsão à repetição para a compreensão dos padrões comportamentais recorrentes.

Para atingir esse objetivo, o presente estudo tem como objetivos específicos: apresentar os fundamentos da repetição comportamental na Análise do Comportamento Aplicada, com base nos conceitos de contingências de reforçamento, história de aprendizagem e seleção por consequências; descrever o conceito de compulsão à repetição na Psicanálise, destacando sua relação com o inconsciente, com o retorno do recaiado e com a dinâmica pulsional descrita por Freud; e discutir possíveis aproximações e diferenças entre essas duas formas de compreender a repetição do comportamento humano, examinando como cada

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

perspectiva contribui para ampliar a análise dos padrões repetitivos observados na prática clínica.

Do ponto de vista metodológico, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa teórica de natureza qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise conceitual de produções científicas relevantes para o tema. A investigação buscou identificar e discutir contribuições da Análise do Comportamento Aplicada e da Psicanálise para a compreensão do fenômeno da repetição no comportamento humano. Para isso, foram realizadas buscas em bases de dados acadêmicas amplamente utilizadas na área da Psicologia, como SciELO, PePSIC, Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES. Utilizaram-se como descritores termos relacionados ao fenômeno investigado, tais como ‘repetição comportamental’, ‘contingências de reforçamento’, ‘compulsão à repetição’ e ‘análise do comportamento aplicada’, bem como seus correspondentes em inglês. A seleção das obras considerou textos clássicos da literatura, especialmente as contribuições de B. F. Skinner no campo da Análise do Comportamento e de Sigmund Freud na tradição psicanalítica, bem como artigos e estudos contemporâneos que discutem a temática da repetição comportamental e psíquica. A análise do material buscou identificar aproximações conceituais, divergências teóricas e possíveis contribuições complementares entre as duas perspectivas para a compreensão dos padrões repetitivos do comportamento humano.

Desenvolvimento

A repetição comportamental na Análise do Comportamento Aplicada

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), fundamentada nos pressupostos do behaviorismo radical de B. F. Skinner, compreende o comportamento humano como resultado da interação contínua entre o organismo e o ambiente, sendo a repetição comportamental um fenômeno central para a compreensão dos processos de aprendizagem e manutenção de repertórios ao longo do tempo. Nessa perspectiva, comportamentos não são entendidos como produtos de disposições internas ou traços estáveis, mas como eventos que se estabelecem e se mantêm em função de suas consequências. A noção de repetição, portanto, está diretamente relacionada à probabilidade de ocorrência de determinadas respostas em contextos específicos,

ISSN: 2966-4705

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

sendo essa probabilidade modulada pelas contingências ambientais que historicamente selecionaram tais comportamentos (SKINNER, 1953; SKINNER, 1981).

O conceito de contingência de reforçamento ocupa lugar central nessa compreensão, referindo-se à relação funcional entre estímulos antecedentes, respostas e consequências. Quando uma resposta é seguida por uma consequência reforçadora, há um aumento na probabilidade de sua ocorrência futura em condições semelhantes, caracterizando o processo de reforçamento. Esse mecanismo explica por que determinados comportamentos tendem a se repetir ao longo do tempo, mesmo quando, em uma análise superficial, parecem desadaptativos ou prejudiciais ao indivíduo. A repetição comportamental, nesse sentido, não é arbitrária, mas resultado de um histórico de reforçamento que, em algum momento, estabeleceu a funcionalidade daquele comportamento em determinado contexto (SKINNER, 1953; CATANIA, 1999).

A história de aprendizagem do indivíduo constitui outro elemento fundamental para a compreensão da repetição comportamental na ABA. Cada organismo é atravessado por uma trajetória singular de interações com o ambiente, na qual diferentes padrões comportamentais foram sendo selecionados, mantidos ou extintos ao longo do tempo. Assim, comportamentos atuais só podem ser plenamente compreendidos quando considerados à luz desse histórico, que inclui tanto reforçadores positivos quanto negativos, além de processos como punição e extinção. A repetição, portanto, não se restringe ao momento presente, mas expressa a continuidade de padrões que foram sendo moldados ao longo da vida do indivíduo, refletindo a complexidade de suas experiências anteriores (SKINNER, 1974; BAUM, 2018).

Um aspecto adicional relevante para compreender a repetição comportamental na ABA refere-se às operações motivacionais, conceito desenvolvido por Michael (1993). Essas operações alteram temporariamente o valor reforçador de determinadas consequências e, consequentemente, a probabilidade de emissão de respostas específicas. Por exemplo, a privação de alimento aumenta o valor reforçador da comida e torna mais provável a repetição de comportamentos que historicamente produziram acesso a esse recurso. Assim, a repetição não depende apenas da presença de contingências estáveis, mas também de variáveis motivacionais que modulam a sensibilidade do organismo às consequências. Esse enfoque amplia a análise da repetição ao considerar que a probabilidade de manutenção de um

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

comportamento pode variar em função de estados internos e condições ambientais que alteram o valor dos reforçadores disponíveis.

Nesse contexto, a noção de seleção por consequências amplia a compreensão da repetição comportamental ao propor uma analogia entre os processos de aprendizagem e os mecanismos de seleção natural. De acordo com essa perspectiva, comportamentos são selecionados em três níveis; filogenético, ontogenético e cultural. Sendo o nível ontogenético aquele mais diretamente relacionado à história individual de reforçamento. A repetição de determinados padrões comportamentais pode, assim, ser compreendida como resultado de um processo contínuo de seleção, no qual respostas que produzem consequências favoráveis tendem a ser mantidas, enquanto aquelas que não produzem tais efeitos tendem a diminuir de frequência. Essa lógica reforça a ideia de que a persistência comportamental está diretamente vinculada às contingências que a sustentam (SKINNER, 1981; BAUM, 2018).

A análise funcional, enquanto ferramenta metodológica central da ABA, permite identificar as variáveis que controlam a emissão e a manutenção dos comportamentos, sendo essencial para compreender por que determinados padrões se repetem. Por meio da investigação sistemática das relações entre antecedentes, respostas e consequências, torna-se possível mapear as contingências responsáveis pela manutenção de comportamentos específicos, inclusive aqueles que produzem sofrimento ou prejuízo ao indivíduo. Nesse sentido, a repetição comportamental é interpretada como funcional, ainda que seus efeitos sejam considerados negativos sob uma perspectiva mais ampla, uma vez que continua sendo reforçada, direta ou indiretamente, em determinados contextos (COOPER, HERON & HEWARD, 2020).

Além disso, é importante considerar que nem todos os processos de repetição estão associados a reforçadores evidentes ou imediatos. Em muitos casos, a manutenção de comportamentos pode estar relacionada a esquemas de reforçamento intermitente, nos quais as consequências reforçadoras ocorrem de maneira irregular, mas ainda assim são suficientes para sustentar a resposta ao longo do tempo. Esse tipo de esquema é particularmente relevante para compreender a persistência de comportamentos que, do ponto de vista externo, parecem irracionais ou difíceis de extinguir. A literatura da análise do comportamento demonstra que padrões estabelecidos sob reforçamento intermitente tendem a apresentar maior resistência à extinção, o que contribui para a repetição prolongada de determinados comportamentos (FERSTER & SKINNER, 1957; CATANIA, 1999).

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Outro aspecto relevante diz respeito ao papel do comportamento governado por regras, no qual a repetição pode ocorrer não apenas em função de contingências diretas, mas também a partir de descrições verbais das relações entre comportamento e consequência. Nesse caso, o indivíduo pode manter padrões comportamentais com base em instruções, normas ou crenças, mesmo na ausência de reforçamento imediato. Isso amplia a compreensão da repetição ao incluir processos simbólicos e culturais, demonstrando que a manutenção de comportamentos pode ocorrer tanto por contato direto com contingências quanto por mediação verbal. Ainda assim, mesmo nesses casos, a análise do comportamento sustenta que tais padrões se mantêm porque, em algum nível, são funcionalmente reforçados no contexto em que ocorrem (SKINNER, 1969; BAUM, 2018).

A literatura contemporânea da análise do comportamento tem enfatizado também a importância dos repertórios complexos e da linguagem na manutenção de padrões repetitivos. A Relational Frame Theory (RFT), proposta por Hayes, Barnes-Holmes e Roche (2001), destaca que comportamentos verbais e simbólicos podem sustentar repetições mesmo na ausência de contato direto com contingências imediatas. Por meio de relações derivadas entre estímulos, o indivíduo pode repetir padrões de resposta baseados em crenças, instruções ou construções simbólicas que organizam sua experiência. Esse modelo amplia a compreensão da repetição ao incluir processos de natureza relacional e cultural, demonstrando que a persistência de determinados comportamentos pode estar vinculada não apenas ao reforçamento direto, mas também à complexa rede de significados construída socialmente. Dessa forma, a ABA reconhece que a repetição comportamental envolve tanto contingências imediatas quanto processos simbólicos que se articulam na vida cotidiana.

Dessa forma, a repetição comportamental, na perspectiva da Análise do Comportamento Aplicada, não é concebida como um fenômeno enigmático ou inexplicável, mas como resultado de processos sistemáticos de aprendizagem e seleção por consequências. Ao deslocar o foco de explicações internalistas para a análise das relações funcionais entre comportamento e ambiente, a ABA oferece um modelo explicativo consistente para compreender a manutenção de padrões comportamentais ao longo do tempo. Essa abordagem permite não apenas explicar a repetição, mas também intervir sobre ela, a partir da modificação das contingências que a sustentam, abrindo caminho para a construção de novos repertórios

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

comportamentais mais adaptativos (SKINNER, 1953; COOPER, HERON & HEWARD, 2020).

A compulsão à repetição na Psicanálise

No campo da Psicanálise, o fenômeno da repetição ocupa um lugar central na compreensão da vida psíquica, sendo articulado de forma mais sistemática a partir das formulações de Sigmund Freud sobre a compulsão à repetição. Diferentemente de uma leitura que associa o comportamento humano exclusivamente à busca de prazer e à evitação do desprazer, a teoria psicanalítica introduz a ideia de que o sujeito pode se ver levado a repetir experiências, situações e padrões relacionais que produzem sofrimento. A repetição, nesse contexto, não é compreendida como mero hábito ou produto de aprendizagem, mas como expressão de processos inconscientes que escapam ao controle consciente do indivíduo, revelando a complexidade da dinâmica psíquica (FREUD, 1920/2010).

A elaboração do conceito de compulsão à repetição está diretamente relacionada à problematização do princípio do prazer, que até então ocupava posição central na metapsicologia freudiana. Em Além do Princípio do Prazer, Freud observa fenômenos clínicos e comportamentais que não se ajustam à lógica da busca de prazer, como a repetição de experiências traumáticas em sonhos, jogos infantis e relações interpessoais. Esses exemplos levam o autor a questionar a suficiência do princípio do prazer como regulador do funcionamento psíquico, abrindo espaço para a formulação de uma tendência à repetição que opera para além dessa lógica, indicando a existência de forças mais fundamentais que organizam o psiquismo (FREUD, 1920/2010).

A compulsão à repetição, nesse sentido, pode ser compreendida como uma tendência do aparelho psíquico a reinscrever experiências passadas, especialmente aquelas que não foram devidamente elaboradas. Essa repetição não se dá de forma literal, mas por meio de deslocamentos, substituições e encenações que se atualizam na vida do sujeito, muitas vezes sem que ele tenha consciência de sua origem. Trata-se de um movimento que aponta para a insistência de conteúdos psíquicos recalcados, que retornam sob diferentes formas na tentativa de encontrar vias de expressão e simbolização. A repetição, portanto, não é apenas retorno do mesmo, mas também uma tentativa de elaboração psíquica, ainda que marcada por impasses e fracassos. Vale destacar que, autores contemporâneos, apontam que essa formulação representa

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

um retorno às origens da metapsicologia freudiana, evidenciando sua centralidade na compreensão da dinâmica psíquica (CAROPRESO; SIMANKE, 2006; FREUD, 1914/2010; FREUD, 1920/2010).

A relação entre repetição e inconsciente é fundamental para a compreensão desse fenômeno na Psicanálise. Ao introduzir o conceito de recalque, Freud demonstra que determinados conteúdos psíquicos são excluídos da consciência por serem incompatíveis com as exigências do eu, permanecendo ativos no inconsciente. Esses conteúdos, no entanto, não deixam de produzir efeitos, manifestando-se de forma indireta por meio de sintomas, atos falhos, sonhos e padrões repetitivos de comportamento. A repetição, nesse contexto, pode ser entendida como uma das formas privilegiadas de retorno do recalcado, evidenciando que aquilo que não pôde ser simbolizado tende a reaparecer, insistindo na economia psíquica do sujeito. Nesse sentido, a repetição pode ser vista, como uma via privilegiada de manifestação do recalcado, reafirmando sua função estruturante na economia psíquica (CAROPRESO; SIMANKE, 2006; FREUD, 1915/2010).

Além disso, a formulação da compulsão à repetição está intrinsecamente ligada à introdução do conceito de pulsão de morte, que amplia a compreensão da dinâmica pulsional para além das pulsões de vida. Freud propõe que, ao lado das forças que buscam a preservação e a ligação, existem tendências que apontam para a repetição de estados anteriores, incluindo formas de descarga que podem levar à redução da tensão a níveis mínimos. A repetição, nesse sentido, não está apenas a serviço da elaboração, mas também pode expressar uma dimensão mais radical do funcionamento psíquico, relacionada à tendência à descarga e à desorganização. Essa perspectiva complexifica a compreensão da repetição, afastando-a de explicações lineares e introduzindo uma dimensão paradoxal no funcionamento do psiquismo (FREUD, 1920/2010).

No campo clínico, a compulsão à repetição se manifesta de maneira particularmente evidente na transferência, onde o sujeito tende a reeditar, na relação com o analista, padrões relacionais e afetivos que marcaram sua história. Freud destaca que o paciente não apenas recorda conteúdos reprimidos, mas os repete em ato, atualizando no presente experiências passadas. Esse fenômeno evidencia que a repetição não é apenas um processo de rememoração, mas uma forma de atuação que coloca em cena conflitos inconscientes ainda não elaborados. A clínica psicanalítica, nesse sentido, se organiza em torno da possibilidade de transformar a

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

repetição em elaboração, possibilitando que aquilo que se repete possa, progressivamente, ser simbolizado (FREUD, 1914/2010).

A leitura lacaniana da repetição introduz novos desdobramentos a esse conceito, ao articulá-lo à estrutura da linguagem e ao funcionamento do desejo. Para Jacques Lacan, a repetição não se reduz ao retorno de conteúdos recalçados, mas está vinculada à insistência de uma marca estrutural, relacionada ao modo como o sujeito é constituído no campo do simbólico. A repetição, nesse contexto, é compreendida como efeito da relação do sujeito com o significante, sendo atravessada por uma falta estrutural que organiza o desejo. Lacan diferencia a repetição da mera reprodução do idêntico, destacando que aquilo que retorna não é o mesmo, mas algo que se reinscreve a partir de uma lógica própria, marcada pela impossibilidade de completa simbolização (LACAN, 1964/2008).

A noção lacaniana de repetição também se articula ao conceito de real, entendido como aquilo que escapa à simbolização e que retorna sempre ao mesmo lugar. Nesse sentido, a repetição pode ser compreendida como tentativa de lidar com esse ponto de impossibilidade, fazendo com que o sujeito se depare reiteradamente com aquilo que não pôde ser integrado à ordem simbólica. Essa perspectiva amplia a compreensão freudiana ao enfatizar que a repetição não se esgota na história individual ou no conteúdo recalçado, mas está ligada à própria estrutura do sujeito e à forma como ele se insere na linguagem. Assim, a repetição passa a ser compreendida como um fenômeno estrutural, que ultrapassa a dimensão meramente histórica e introduz uma lógica própria de funcionamento psíquico (LACAN, 1964/2008).

Dessa forma, a compulsão à repetição, na Psicanálise, revela-se como um fenômeno complexo, que envolve a articulação entre inconsciente, recalque, dinâmica pulsional e estrutura subjetiva. Ao evidenciar que o sujeito pode repetir para além da busca de prazer, a teoria psicanalítica introduz uma compreensão não linear do comportamento humano, na qual a repetição se apresenta tanto como expressão de conflitos psíquicos quanto como tentativa de elaboração. Essa perspectiva oferece uma leitura aprofundada dos padrões repetitivos observados na clínica, permitindo compreender que, por trás da insistência de certos comportamentos, há uma lógica própria do funcionamento psíquico que demanda escuta, interpretação e elaboração (FREUD, 1920/2010; LACAN, 1964/2008).

Possíveis diálogos entre ABA e Psicanálise

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

A aproximação entre a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e a Psicanálise no estudo da repetição do comportamento humano exige, inicialmente, o reconhecimento de que se tratam de tradições teóricas sustentadas por pressupostos epistemológicos distintos. Enquanto a ABA se fundamenta em uma perspectiva funcional e empiricamente orientada, centrada na análise das relações entre comportamento e ambiente, a Psicanálise opera a partir de um modelo metapsicológico que privilegia a dimensão inconsciente, simbólica e pulsional do sujeito. Nesse sentido, qualquer tentativa de diálogo entre essas abordagens não pode prescindir do reconhecimento de suas diferenças estruturais, sob o risco de incorrer em reducionismos que comprometam a consistência teórica de ambas (SKINNER, 1953; FREUD, 1920/2010).

No que diz respeito à compreensão da repetição, observa-se que a ABA a interpreta como resultado de contingências de reforçamento e da história de aprendizagem do indivíduo, enfatizando a função que determinados comportamentos exercem em contextos específicos. A repetição, nessa perspectiva, está diretamente relacionada à probabilidade de ocorrência de respostas que foram previamente reforçadas, sendo compreendida como produto de processos de seleção por consequências. Por outro lado, a Psicanálise concebe a repetição como expressão de processos inconscientes, frequentemente vinculados ao retorno do recalcado e à compulsão à repetição, indicando que o sujeito pode reiterar experiências que escapam à lógica do prazer e que não se explicam apenas por suas consequências observáveis. Assim, enquanto a ABA privilegia a dimensão funcional e contextual do comportamento, a Psicanálise enfatiza sua dimensão histórica e simbólica, apontando para diferentes níveis de análise do mesmo fenômeno. Nesse ponto, pode-se considerar que aquilo que a Análise do Comportamento descreve como manutenção de padrões por contingências historicamente estabelecidas pode, em outro nível de análise, corresponder à insistência de formações psíquicas que, na Psicanálise, são compreendidas como efeitos do inconsciente. Tal aproximação não implica equivalência conceitual, mas evidencia que diferentes modelos teóricos podem incidir sobre um mesmo fenômeno, iluminando dimensões distintas de sua ocorrência. (SKINNER, 1981; FREUD, 1915/2010; FREUD, 1920/2010).

Essa diferença torna-se particularmente evidente quando se analisam comportamentos repetitivos que produzem sofrimento ao indivíduo. Do ponto de vista da ABA, tais comportamentos são compreendidos como funcionalmente mantidos por contingências de

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

reforçamento, ainda que essas contingências não sejam imediatamente evidentes ou socialmente reconhecidas. A análise funcional busca, portanto, identificar quais consequências estão sustentando a repetição, possibilitando intervenções que modifiquem essas relações. Já na Psicanálise, a persistência de comportamentos que geram sofrimento é interpretada como manifestação de conflitos inconscientes e como expressão da compulsão à repetição, indicando que o sujeito se encontra enredado em uma dinâmica psíquica que não se resolve apenas pela alteração das contingências externas. Essa distinção evidencia não apenas diferentes formas de explicar a repetição, mas também diferentes concepções sobre o próprio sujeito (COOPER; HERON; HEWARD, 2020; FREUD, 1920/2010).

Apesar dessas diferenças, é possível identificar pontos de aproximação entre as duas abordagens, especialmente quando se considera que ambas reconhecem a importância da história na constituição dos padrões comportamentais. Na ABA, a história de aprendizagem desempenha papel central na explicação da repetição, enquanto na Psicanálise, a história do sujeito, marcada por experiências infantis e relações primárias, é fundamental para compreender a emergência e a manutenção de sintomas e padrões repetitivos. Ainda que operem com conceitos distintos, história de reforçamento, de um lado, e história psíquica e relacional, de outro, ambas as perspectivas apontam para a ideia de que o comportamento humano não pode ser compreendido de forma isolada do percurso vivido pelo indivíduo. Além disso, desenvolvimentos contemporâneos da análise do comportamento, como a Teoria das Molduras Relacionais, ampliam a compreensão dos processos de repetição ao incluir a dimensão da linguagem e das relações simbólicas, aproximando-se, em certa medida, de problemáticas tradicionalmente exploradas pela Psicanálise (SKINNER, 1974; FREUD, 1914/2010; HAYES; BARNES-HOLMES; ROCHE, 2001).

No entanto, os limites de cada modelo tornam-se evidentes quando se considera a complexidade dos fenômenos clínicos. A ABA, ao privilegiar a análise das contingências observáveis, pode apresentar dificuldades em abarcar dimensões subjetivas relacionadas ao sentido que o comportamento assume para o indivíduo, especialmente quando tais dimensões não se traduzem diretamente em variáveis mensuráveis. Por outro lado, a Psicanálise, ao enfatizar a dimensão inconsciente e simbólica, pode encontrar limites na operacionalização de seus conceitos em contextos que demandam intervenções mais estruturadas e baseadas em evidências empíricas. Abordagens contemporâneas da ABA, como a terapia de aceitação e

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

compromisso, buscam justamente ampliar esse escopo ao incorporar processos como linguagem, cognição e experiência subjetiva, ainda que mantendo o compromisso com uma análise funcional do comportamento. De forma semelhante, desenvolvimentos pós-freudianos aprofundam a compreensão da repetição ao enfatizar aspectos relacionados à falha de simbolização e à negatividade psíquica, evidenciando a complexidade do fenômeno para além de explicações lineares (BAUM, 2018; HAYES; STROSAHL; WILSON, 2012; GREEN, 2010).

A possibilidade de um diálogo produtivo entre ABA e Psicanálise não reside na tentativa de integração teórica total, mas na construção de uma articulação que reconheça a especificidade de cada campo e explore suas contribuições de forma complementar. Nesse sentido, a ABA pode oferecer instrumentos precisos para a identificação e modificação de padrões comportamentais, enquanto a Psicanálise pode contribuir para a compreensão do sentido subjetivo desses padrões e das dinâmicas inconscientes que os atravessam. Tal articulação permite uma leitura mais abrangente da repetição, que considere tanto suas condições de manutenção no ambiente quanto sua inscrição na história psíquica do sujeito (COOPER; HERON; HEWARD, 2020; FREUD, 1920/2010).

No campo clínico, essa complementaridade pode se traduzir em uma escuta mais ampliada do comportamento repetitivo, que não se limite à sua função imediata nem se restrinja à sua interpretação simbólica. Compreender a repetição a partir de múltiplos níveis de análise possibilita intervenções mais sensíveis à complexidade do sujeito, evitando tanto o reducionismo ambiental quanto a abstração excessiva. A leitura lacaniana, ao enfatizar a repetição como efeito da estrutura e da relação do sujeito com o significante, contribui para aprofundar essa compreensão, indicando que nem todo comportamento pode ser plenamente capturado por suas contingências observáveis. Assim, a articulação entre ABA e Psicanálise pode contribuir para uma prática clínica que reconheça, simultaneamente, a importância das contingências que sustentam o comportamento e das dimensões inconscientes que lhe conferem sentido (SKINNER, 1953; LACAN, 1964/2008; ZIZEK, 2010).

Autores brasileiros têm se dedicado a explorar de forma sistemática esse diálogo. Tourinho (2006) enfatiza que a aproximação entre ABA e Psicanálise só é fecunda quando se reconhece que cada uma opera em níveis distintos de análise, evitando reducionismos. Meyer (2012), por sua vez, destaca que essa interlocução pode enriquecer a prática clínica ao permitir

ISSN: 2966-4705

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

que o analista considere tanto as contingências que sustentam o comportamento quanto os sentidos inconscientes que o atravessam. Essas contribuições evidenciam que o debate não é apenas teórico, mas já se encontra presente na produção acadêmica, reforçando a pertinência de pensar a complementaridade entre essas abordagens.

Dessa forma, o diálogo entre essas duas perspectivas não se configura como uma tentativa de unificação teórica, mas como um exercício de ampliação da compreensão do comportamento humano. Ao reconhecer as tensões, diferenças e possíveis aproximações entre ABA e Psicanálise, torna-se possível construir uma análise mais complexa da repetição, que leve em conta tanto os processos de aprendizagem quanto as dinâmicas psíquicas inconscientes. Essa postura permite não apenas enriquecer o campo teórico da Psicologia, mas também ampliar as possibilidades de intervenção clínica, contribuindo para uma abordagem mais integrada e sensível às múltiplas dimensões do comportamento humano (BAUM, 2018; FREUD, 1920/2010; GREEN, 2010)

Conclusão

O presente estudo teve como objetivo analisar o fenômeno da repetição do comportamento humano a partir do diálogo teórico entre a Análise do Comportamento Aplicada e a Psicanálise, considerando as contribuições das contingências de reforçamento e da compulsão à repetição para a compreensão dos padrões comportamentais recorrentes. Ao longo da investigação, evidenciou-se que a repetição constitui um fenômeno complexo, que não pode ser plenamente compreendido a partir de um único modelo explicativo, exigindo a consideração de diferentes níveis de análise do comportamento humano.

A partir da perspectiva da Análise do Comportamento Aplicada, foi possível compreender a repetição como resultado de processos de aprendizagem historicamente construídos, nos quais as contingências de reforçamento desempenham papel central na seleção e manutenção de padrões comportamentais. Essa abordagem oferece instrumentos analíticos consistentes para identificar as variáveis que sustentam a repetição, permitindo intervenções direcionadas à modificação das condições ambientais que mantêm comportamentos disfuncionais. Nesse sentido, a repetição é compreendida como um fenômeno funcional,

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

diretamente relacionado às consequências que seguem o comportamento e à história de interação do indivíduo com o ambiente.

Por outro lado, a Psicanálise possibilitou uma leitura da repetição que ultrapassa a dimensão observável do comportamento, ao situá-la no campo do inconsciente e da dinâmica pulsional. A noção de compulsão à repetição evidenciou que o sujeito pode se ver capturado por padrões que não se explicam pela lógica do prazer ou da adaptação, mas pela insistência de conteúdos psíquicos não elaborados que retornam sob diferentes formas. A repetição, nesse contexto, aparece como expressão do retorno do recalado e como tentativa de elaboração psíquica, revelando a complexidade dos processos que organizam a vida subjetiva.

A articulação entre essas duas perspectivas permitiu identificar que, embora partam de fundamentos epistemológicos distintos, ambas oferecem contribuições relevantes para a compreensão da repetição do comportamento humano. A análise desenvolvida ao longo do estudo indicou que a repetição pode ser compreendida tanto em termos de sua função no ambiente quanto de seu sentido na economia psíquica do sujeito, evidenciando que diferentes abordagens teóricas podem incidir sobre um mesmo fenômeno sem que isso implique sua redução a um único modelo explicativo.

Nesse sentido, o diálogo entre ABA e Psicanálise mostrou-se fecundo na medida em que possibilitou ampliar a compreensão da repetição para além de explicações unilaterais. Ao reconhecer os limites e as potencialidades de cada abordagem, torna-se possível construir uma leitura mais abrangente do comportamento humano, que considere simultaneamente os processos de aprendizagem e as dinâmicas inconscientes que atravessam o sujeito. Essa perspectiva contribui para uma compreensão mais complexa da clínica psicológica, na qual a repetição pode ser abordada tanto em sua dimensão funcional quanto em seu valor simbólico.

Do ponto de vista clínico, essa articulação teórica aponta para a importância de uma escuta ampliada dos padrões repetitivos, que não se restrinja à identificação de contingências nem se limite à interpretação de conteúdos inconscientes de forma isolada. Considerar a coexistência desses diferentes níveis de análise possibilita intervenções mais sensíveis à singularidade do sujeito, favorecendo tanto a modificação de comportamentos quanto a elaboração de experiências psíquicas. Assim, a repetição deixa de ser compreendida apenas

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

como um problema a ser eliminado, passando a ser reconhecida também como um fenômeno que carrega em si possibilidades de compreensão e transformação.

Por fim, destaca-se que o presente estudo não teve como objetivo promover uma integração teórica entre a Análise do Comportamento Aplicada e a Psicanálise, mas sim explorar as tensões, aproximações e limites que emergem do diálogo entre essas duas tradições. Ao sustentar essa diferença, em vez de eliminá-la, foi possível evidenciar a riqueza de uma abordagem que reconhece a complexidade do comportamento humano e a necessidade de múltiplas lentes teóricas para sua compreensão. Dessa forma, espera-se que este trabalho contribua para o avanço das discussões no campo da Psicologia, incentivando novas investigações que aprofundem o diálogo entre diferentes perspectivas e ampliem as possibilidades de compreensão e intervenção na clínica.

REFERÊNCIAS

BAUM, William M. **Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. **Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 207–224, jul./dez. 2006.

CATANIA, A. Charles. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

COOPER, John O.; HERON, Timothy E.; HEWARD, William L. **Applied behavior analysis**. 3. ed. Hoboken: Pearson, 2020.

FERSTER, Charles B.; SKINNER, Burrhus Frederic. **Schedules of reinforcement**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer (1920)**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 14: história de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Os instintos e suas vicissitudes (1915)**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar (1914)**. In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GREEN, André. **O trabalho do negativo**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HAYES, Steven C.; BARNES-HOLMES, Dermot; ROCHE, Bryan (org.). **Relational frame theory: a post-skinnerian account of human language and cognition**. New York: Kluwer Academic/Plenum, 2001.

HAYES, Steven C.; STROSAHL, Kirk D.; WILSON, Kelly G. **Acceptance and commitment therapy: the process and practice of mindful change**. 2. ed. New York: Guilford Press, 2012.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MEYER, Sérgio. **Psicanálise e análise do comportamento: possibilidades de interlocução**. Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 29, n. 3, p. 393–401, 2012.

MICHAEL, Jack. **Establishing operations**. The Behavior Analyst, v. 16, n. 2, p. 191–206, 1993.

SKINNER, Burrhus Frederic. **About behaviorism**. New York: Knopf, 1974.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1969.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Science and human behavior**. New York: Macmillan, 1953.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Selection by consequences**. Science, v. 213, n. 4507, p. 501–504, 1981.

TOURINHO, Emmanuel. **Análise do comportamento e psicanálise: aproximações e distanciamentos**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 2, p. 375–383, 2006.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010